

Amizade e relação de gênero entre estudantes do ensino fundamental

Joelma Tose Oliosi – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -
Alegre - ES
Mestre em Educação – UFSJ
E-mail: joelmaoliosi@hotmail.com
Fone: (27) 9975-0550

Renata Vale Assunção – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -
Alegre - ES
Mestre em Psicologia – UFSJ
E-mail: renatavassuncao@gmail.com
Fone: (32) 9118-2992

Data de recepção: 23/08/2013
Data de aprovação: 27/09/2013

Resumo: O texto relata uma pesquisa sobre amizade e relações de gênero entre adolescentes (com idades entre 12 e 13 anos), estudantes de escola pública estadual de São João del-Rei, MG, as amizades e as relações de gêneros são fundamentais para a formação da identidade do adolescente e, como esses sujeitos passam grande parte do tempo na escola, investigamos essas relações nesse contexto. Foram realizadas observações no estabelecimento escolar, oficinas de grupo e entrevistas semidirigidas. Os dados revelaram que o grupo de amigos oferece segurança e confiança para o adolescente manifestar e afirmar sua identidade em formação, bem como uma forma de tornar a escola interessante e divertida, pois meninos e meninas trazem para suas relações estereótipos de gêneros, buscando desconstruí-los ou confirmá-los socialmente.

Palavras-chave: Adolescência – Amizade – Relações de gênero – Contexto escolar

Introdução

O presente texto descreve parte de uma investigação realizada entre 2008 a 2010 sobre a amizade e as relações de gênero entre adolescentes, com idade entre 12 e 14 anos, entre alunos do 8º ano (7ª série) de uma escola pública, em São João del-Rei, Minas Gerais. Esta pesquisa vinculava-se a um grupo de pesquisa sobre adolescência e escola do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e contava com vários participantes, entre estagiários, bolsistas, mestrandos e professores. Dentro dessa perspectiva, essa investigação teve como proposta conhecer a implicação das amizades e relações de gênero na escola, a partir dos próprios sujeitos investigados, revelando as vozes desses estudantes. Para isso, foram realizadas observações em salas de aula, em uma escola pública da cidade; encontros semanais com um grupo de aproximadamente oito adolescentes coordenado pelas então bolsistas de iniciação científica, autoras deste artigo, como também entrevistas individuais.

Embora muitas pesquisas enfoquem a amizade ou o grupo de iguais na adolescência, o contexto escolar muitas vezes não é considerado em interação com esses dois aspectos. Ao se ponderar a escola como espaço de convivência e experimentação identitária juvenil, verifica-se aspectos significativos, com fecundas possibilidades de exploração investigativa, apresentando-se como pertinentes no que diz respeito à educação e à formação da identidade do adolescente. Vários autores (DAYRELL, 2007; LEPRE, 2008; GOMES e JUNIOR, 2007) defendem que as relações de amizade permitem tanto reafirmar a identidade como também questionar valores e normas sociais, além de possibilitar experimentações de acontecimentos a partir de trocas que contribuem para aprendizagem. Outros autores reconhecem as relações de gênero (LOURO, 1998; SAYÃO, 2002; FINCO, 2003; SOUZA e HUTZ, 2007) como importantes para a construção e afirmação da identidade, porém não consideram essas relações entre adolescentes no contexto escolar. Nesse sentido, faz-se importante apresentar algumas reflexões sobre as implicações das relações de amizade e de gênero na adolescência como formadoras de identidade.

1. Amizade e relações de gênero na formação da identidade adolescente

Afonso (2001) enfatiza que a adolescência é uma fase de crise de identidade, na medida em que é exigido que estágios anteriores do desenvolvimento sejam reelaborados a partir das novas exigências dos contextos psíquico e social vividos pelo sujeito. Dessa forma, pode-se dizer que nesta fase ocorre o processo de desconstrução e reconstrução da identidade, no qual o adolescente pode sentir confusão diante dos papéis sociais possíveis ou desejáveis de vivenciar. De acordo com a autora, esse processo é também um processo de socialização, no qual a interiorização e exteriorização de valores, conhecimentos, hábitos e práticas se dão por um sujeito dominado simultaneamente pela sua estrutura psíquica e maturação cognitiva e pelas influências socioculturais.

Nessa fase, a amizade pode ser uma influência para os adolescentes no sentido de se afirmarem

como sujeitos dotados de opiniões e vontades próprias, questionarem identidades sociais já implantadas e refletirem sobre sua própria forma de ser. Em um mundo que se revela tão confuso, as amizades são um encontro entre iguais, que possibilitam a expressão e o questionamento de uma maneira mais aberta (GOMES e JÚNIOR, 2007).

Gilberto Velho (1987) assegura que, assim como os laços familiares, as relações de amizade são fundamentais na formação da subjetividade, uma vez que os amigos são de escolha pessoal, influenciada por elementos afetivos, de modo que nestas relações haja sentimento de solidariedade, estima, companheirismo e proteção. Além disso, para os adolescentes, a amizade é uma fonte essencial de sentimentos de segurança e confiança, significando também *status* do grupo ao qual pertencem. Assim, amigos valorizam e reafirmam reciprocamente suas identidades, na medida em que reconhecem as qualidades do outro e oferecem apoio nas dificuldades cotidianas (PEREIRA e GARCIA, 2007).

A partir de um consenso entre autores (VIANA, 1947; PEREIRA e GARCIA, 2007; MÜLLER, 2004) relações de amizade não se baseiam em parentesco, mas em um compromisso estabelecido a partir da confiança, da lealdade, do compartilhamento das vivências e da interdependência. Nessa relação, o respeito, a cooperação e a aceitação se dão de forma recíproca, ao mesmo tempo em que se trata de um relacionamento com obrigações mútuas. Pode-se perceber que, no que diz respeito à manutenção das amizades, a confiança e a solidariedade são fundamentais. Müller (2004) afirma que a amizade é uma relação afetiva, voluntária, pessoal e privada estabelecida entre indivíduos e pode variar na forma como é estabelecida, de acordo com o gênero, classe e geração. Trata-se de uma relação de confiança que se constitui através do tempo, com a convivência. Por isso, pode-se dizer que a escola é um espaço de construção de amizades entre adolescentes, uma vez que é um local onde esses sujeitos passam mais tempo juntos (OLIOSI e ASSUNÇÃO, 2010).

Considerando a relação de amizade como um fator de socialização do adolescente, a relação de gênero também pode ser ponderada como parte do processo de construção de identidade. Isso porque as relações de amizade se dão nas formas intra e intergêneros e a cultura e estrutura as formas como ocorrem essas relações, bem como a forma de viver das pessoas de acordo com as implicações vigentes da estrutura de gêneros (TRAVESSO-YÉPES e PINHEIRO, 2005). Assim sendo, ao pensar nas relações de amizade como forma de interação e manifestação da identidade, podemos compreender como as diferenças nas relações de gênero são produzidas pelas culturas e sociedades.

Para Louro (1997), gênero refere-se à forma como as diferenças sexuais são entendidas em um determinado contexto social. Isso quer dizer que não é propriamente a diferença sexual – de homens e mulheres – que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir. Essas diferenças são internalizadas pelos sujeitos, ainda na infância, por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, outras crianças, a mídia, etc., e influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero e relações interpessoais. A identidade de gênero se refere à combinação de estereótipos masculinos e femininos em um indivíduo, ou seja, a masculinidade e a feminilidade são partes constitutivas de todas as pessoas, em diferentes formas (SAYÃO, 2002).

Desde cedo, crianças se agrupam de acordo com seu gênero e tipificam jogos e brinquedos em o que é de menina e o que é de menino. Travesso-Yépes e Pinheiro (2005) explicam que as características femininas ou masculinas são internalizadas de acordo com as características representadas pela cultura, desta forma, torna-se mulher ou homem. Assim, cada cultura possui matrizes simbólicas que definem o que é masculino e feminino, bem como as relações ocorrem.

Para Afonso (2001), cada cultura possui matrizes simbólicas que definem o que é masculino e feminino, bem como se relacionam e interagem. É na relação entre homem e mulher que o gênero é construído. Desta forma, relações de gênero referem-se às relações entre mulheres e homens, não como seres biológicos, mas tais como são definidos pelas matrizes simbólicas de sua cultura. Assim, existem relações de gênero em todos os tipos de relações interpessoais nas diversas instituições e áreas da vida.

Como instituição definidora de cultura, de acordo com Louro (1997), a escola também é um espaço de construção de diferenças e desigualdades, na medida em que silencia ou não reage diante da afirmação de estereótipos de masculinidades e feminilidades. Em contrapartida, pode contribuir para a superação dessas desigualdades, ao introduzir questionamentos dessas formas de discernimento de gêneros, pois é no cotidiano das vivências de relações de gênero, em contextos sociais específicos, que se permite, através do questionamento crítico de tais vivências, novas formas de resignificação (TRAVESSO-YÉPES e PINHEIRO, 2005). A questão do discernimento de gênero é apontada por Pereira (2008) como fortemente enraizado nas linguagens e posturas transmitidas pela escola, que a partir de seu código de normas e sua função de transmissora de conhecimentos, estabelece o que é masculino e o que é feminino, modelando e discriminando o comportamento de meninas e meninos, mulheres e homens.

Percebe-se, portanto, que as relações entre pares são valorizadas por diversos autores como referências fundamentais no processo de formação identitária dos adolescentes e devem ser pensadas no contexto cultural e histórico. Além disso, as relações de amizade e de gênero possibilitam a compreensão de como os adolescentes experienciam as imposições sociais, bem como as possíveis resignificações das vivências e dos modos de ser.

A partir dessa breve exposição a fim de se melhor compreender a temática da pesquisa, serão apresentados os procedimentos e métodos utilizados durante a investigação.

2. Metodologia

Durante os anos de 2008 a 2010, realizamos observações em salas de aula de uma escola estadual na cidade de São João Del Rei – Minas Gerais, encontros semanais com um grupo de oito adolescentes pré-selecionados e entrevistas individuais com quatro destes.

Para os grupos de encontro selecionamos os participantes e realizamos um convite oral e por escrito aos selecionados, que deveria ser assinado pelos pais. Alguns dos participantes da pesquisa foram selecionados a partir de uma amostra de outras pesquisas, realizadas quando esses adolescentes

ainda eram crianças e estavam na pré-escola¹. Outros foram selecionados por chamar atenção² das pesquisadoras. Também sugerimos que chamassem seus amigos para participarem. Assim foi formado um grupo de treze adolescentes, dentre esses oito eram assíduos, os demais alteravam ou porque não tinham interesse em participar ou porque os pais não permitiram a frequência, já que os encontros eram realizados na escola após as aulas.

Foram realizados dez encontros em que eram utilizadas dinâmicas de grupo e reflexões sobre assuntos que fazem parte do cotidiano juvenil, com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre os adolescentes e a forma como se relacionam, de forma descontraída e em partilha no grupo de iguais. Nesses encontros, buscamos trabalhar de forma a revelar as vozes desses adolescentes a respeito de seu cotidiano, suas experiências, a forma de lidar com as dificuldades e assim por diante. Dessa maneira, o adolescente foi reconhecido como um sujeito capaz de falar com propriedade sobre suas experiências, o que exige respeito e consideração pelo que ele pensa e vive. Esses encontros foram registrados por duas filmadoras, uma que ficava nas mãos dos adolescentes e outra que ficava nas mãos de uma das pesquisadoras, a fim de obter e registrar dados, mas principalmente, ser condizente com a proposta da pesquisa e respeitar a visão dos adolescentes.

Cada decisão a ser tomada era consultada e discutida com o grupo investigado. Além disso, duas adolescentes da amostra tornaram-se bolsistas do PIBIC –Júnior³, o que evidencia mais uma vez a atuação desses jovens na pesquisa, seguindo os pressupostos da investigação participante.

As entrevistas individuais foram semi-estruturadas a partir de uma mescla das informações nascidas do processo grupal e de um roteiro de entrevista elaborado pelos adolescentes em um dos encontros. Foram entrevistados quatro adolescentes, duas meninas e dois meninos. Tudo foi registrado por um gravador portátil e uma filmadora, a partir da autorização dos participantes, para posterior digitalização.

Durante todo o período de pesquisa, ocorreram também observações dentro do estabelecimento escolar, de três turmas, visando compreender os comportamentos dos adolescentes dentro e fora da sala de aula. Os dados observados pelo pesquisador/observador eram registrados em um diário de campo. Tais dados referiam-se às atividades realizadas e as formas de interações estabelecidas entre os estudantes.

Importante ressaltar que o grupo de pesquisa reunia-se semanalmente a fim de compartilharem as experiências, discutir posturas e abranger os temas sobre adolescência investigados.

1. SANT'ANA, R. B.; RESENDE, C. A.; RAMOS, L. C. (2004). O interacionismo social e a investigação da brincadeira infantil: uma análise teórico-metodológica. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, São Paulo, 14, (04), set/dez, p. 11-26.

2. Diz-se de alunos que se destacaram durante as observações em sala de aula, sendo os mais citados no "diário de campo".

3. Bolsa concedida pelo CNPq a estudantes do ensino fundamental ou médio para iniciação à pesquisa.

3. Resultados e discussão

“A aula se inicia. Um menino grita: ‘Eba! Amanhã não tem aula! Podia ser todo dia assim (...)’ e outros alunos concordam com ele” (Diário de Campo - observação realizada no dia 09/10/09). Esse fragmento representa a falta de interesse de alguns alunos em vir à escola. Porém, as observações mostraram que o principal fator a estimular a maioria dos alunos a permanecerem na escola é a relação com os amigos. Isso pode ser percebido quando os mesmos alunos, que burlam as atividades em sala de aula ou demonstram-se felizes quando são liberados antes do horário normal de término das aulas, permanecem na escola após a liberação, em rodas de conversa no pátio da escola ou vão para a quadra jogar futebol ou vôlei.

Concordando com Ferreira (2004), a relação de amizade pode ser vista como uma forma de os indivíduos estarem próximos e envolvidos afetuosamente e socialmente, o que permite uma transformação no ambiente institucional. Dessa forma, a frequência na escola, inicialmente, pode ser vista pelos adolescentes como uma obrigação tediosa, mas por via das relações de amizade pode tornar-se uma rotina mais confortável, interessante e divertida. Neste sentido, os adolescentes do contexto investigado valorizam a ludicidade tanto como um aspecto da amizade tanto como forma de tornar a escola menos maçante. Entre os amigos quase tudo “vira brincadeira”: a nota baixa do amigo, a “paquera”, alguma característica do colega, o jeito de falar ou vestir do professor. Embora essas “brincadeiras” em alguns momentos pareçam incomodar alguns colegas, elas são sempre retomadas pelos adolescentes e o que foi “vítima” da brincadeira também “vitimiza” os outros amigos. Também é possível perceber os apelidos sarcásticos como forma de amenizar o tédio das aulas. Por exemplo: “bambu”, “baixinha”, “Naruto”, “cara de cavalo”. Esse comportamento de colocar apelido nos colegas parece ser mais comum nos meninos do que nas meninas (OLIOSI e ASSUNÇÃO, 2010).

Percebemos que as características assinaladas pela literatura como fundamentais em uma relação de amizade, ou seja, solidariedade, companheirismo, proteção, afetividade e confiança, são apreciadas pelos adolescentes como características de seus amigos. Isso é evidenciado em falas como: *“Ah! Amigo é aquele que te ajuda nas horas que a gente precisa”* (João, 12 anos, entrevista realizada em abril de 2009). *“Tem os amigos que são falsos, que só ficam com você enquanto você está bem, quando você precisa deles, eles não te ajudam”* (Luiz, 12 anos, entrevista realizada em maio de 2009). Tais expressões evidenciam que para vivenciar a amizade é preciso seguir algumas regras, no caso, ajudar o outro nos momentos de dificuldade.

Müller (2004) define que colegas são aquelas pessoas que encontramos com certa periodicidade porque frequentam o mesmo ambiente (sala de aula) e por isso, passam a trocar algumas palavras e se cumprimentarem, mas não há relação de proximidade e intimidade, como entre os amigos. Esses se relacionam com o compartilhar mútuo de questões particulares e íntimas, já o melhor amigo é aquele que está sempre presente e no qual se pode confiar e compartilhar “segredos”.

Assim, há uma diferenciação entre amigos e colegas, conforme a fala: *“Amigos estão mais perto de você e colega são as pessoas que você conversa, mas não tem tanta intimidade (...) amigos são legais, sei lá (...) gente boa, dá para confiar nessas pessoas, elas contam tudo pra gente (...) pra mim, eu conto*

tudo pra elas (...) por ter confiança e porque conheço há mais tempo” (Maria, 12 anos, entrevista realizada em maio de 2009).

A confiança de segredos entre o grupo de amigos é clara e podemos observar em dizeres como este: *“eu não falo para os meus pais que eu tirei nota vermelha, mas minhas amigas sabem”* (Josefina, 12 anos, Grupo de Encontro realizado em 14/05/09).

A escolha dos amigos, segundo descrito pelos adolescentes da amostra, ocorre de forma gradual: primeiramente, ocorrem aproximações e diálogos, nos quais, se houver afinidades de interesse e manifestação de afeição mútua, ocorre a formação de vínculos de amizade e de grupos de iguais. Outra forma ainda seria um tempo de convivência anterior. Isso pode ser evidenciado na fala de João (12 anos, Grupo de Encontro realizado em 29/04/09): *“Eu brigava com eles no começo da quinta série. Ai, no início desse ano [7ª série] eu comecei a conversar com eles”*. Ou ainda na fala de Maria (13 anos, entrevista, maio de 2009): *“A Joana eu conheço ela desde quando eu estudava no BH [pré-escolar], aí eu entrei no EE [escola atual], a Joana já conhecia a Josefina, aí a gente virou amiga. A mesma coisa com a Clara, que a Josefina conhecia, aí começamos a conversar!”*.

A aproximação e a expressão de amizade acontecem em ambos os gêneros, porém manifestam-se de forma diferentes. De acordo com Souza e Hutz (2007), na sociedade atual as relações inter e intragêneros se diferem na medida em que as mulheres tendem a estabelecer relações face-a-face e recíprocas, enquanto os homens formam grupos maiores, lado-a-lado, e mais aberto a novos integrantes. Dessa forma, a amizade entre as meninas é mais íntima e próxima, envolvendo trocas afetivas e maior facilidade em “se abrir”; já entre os meninos, a amizade é mais instrumental, ou seja, baseia-se na realização de atividades em conjunto, por exemplo, jogar futebol, e os assuntos conversados são mais superficiais. A amizade entre homem e mulher é um relacionamento com características próprias, que merece maior atenção e investigação.

Foi possível perceber que a amizade entre as meninas baseia-se na troca de contatos físicos, tais como abraços, beijos na bochecha, segurar as mãos ou passar a mão no cabelo da outra. Os grupos de amizade das meninas são fixos e fechados, ou seja, é possível encontrar o mesmo grupo sempre junto. Além disso, há maior confidencialidade de segredos e de assuntos sobre paqueras. *“Maria muda de lugar para sentar-se perto de Joana e começam a conversar, enquanto aquela passa a mão nos cabelos desta. Os meninos falaram que Maria sentou perto de Joana para falar dos outros. Joana passa batom e depois empresta para Josefina, que está na carteira ao lado.”* (Diário de campo – observação de 10/09/09).

Entre meninas a interação entre amigas parece ser mais disfarçada, a partir de trocas de bilhetes, por exemplo; assim, é mais incomum ver professores chamando atenção de meninas. *“Josefina tenta comunicar-se com Joana: fica olhando para ela durante 5 minutos e fala baixinho o seu nome, Joana não escuta; depois de um tempo, olha casualmente para trás e então as duas começam a conversar uma com a outra através de sinais e leitura labial.”* (Diário de campo – observação 10/09/09).

Entre os meninos, percebemos grupos mais abertos, com maior variabilidade entre os membros e os assuntos geralmente conversados são sobre esportes, por exemplo, acerca do gol que fizeram

durante a educação física ou a manobra realizada na bicicleta, ou sobre o time de futebol e, em menor grau, sobre meninas. Como ocorre na fala de Luiz (12 anos, entrevista, maio de 2009): *“Menino a gente fica falando de futebol e de menina e as meninas nem sempre falam de meninos, elas conversam de outras coisas também”*. Percebe-se ainda pouco contato físico ou quando ocorre, é disfarçado de agressão física, como empurrões ou tapas. *“Marcos, Luiz e João conversam durante a aula, quando a professora lhes chama a atenção, um acusa o outro sem assumir sua responsabilidade, mas continuam a interação, como se nada houvesse. João e José brincam de beliscar o braço um do outro”* (Diário de campo – observação de 03/09/2009).

Tem sido observado que os estereótipos de gênero são mais fortes nos meninos do que nas meninas. Por exemplo, em uma das dinâmicas de grupo realizadas, foi proposta uma atividade em que um adolescente solicita a outro: *“É pedido a Marcos para pagar uma prenda na qual ele tem que imitar comportamentos femininos, que é negado por ele, talvez como forma de afirmar sua masculinidade, do contrário, seria caçado pelos colegas em outros momentos.”* (Grupo de Encontro – 03/04/09).

Meninos percebem a amizade entre meninas como diferente da amizade entre meninos: *“As meninas também qualquer coisinha elas ficam com raiva uma da outra. Ah isso não é amizade, amizade assim (...) se vai (...) a pessoa (...) briga (...) faz uma coisa que você não gosta, você tenta entender ela. (...) Só uma vez que eu fiquei sem conversar com o Luiz, que eu briguei feio com ele, aí depois eu voltei a conversar com ele!”* (João, 12 anos, entrevista – abril de 2009). Ou ainda: *“(…) é que menino, assim, é mais companheiro mesmo, porque menina qualquer briguinha fica com raiva, mas assim quando a menina é amiga mesmo uma da outra, aí elas vão fazer homenagem, no aniversário faz as coisas, meninos não, dão o parabéns (...)”* (Luiz, 12 anos, entrevista – maio de 2009).

“Aula de Educação Física: A maior parte das meninas jogava vôlei, enquanto somente dois meninos praticavam esse esporte, os demais meninos jogavam futebol. Algumas meninas não jogavam vôlei, mas passaram a aula toda conversando em grupinhos. Às vezes, uma menina se atrevia a jogar futebol com os meninos, mas faziam isso só para atrapalhar, e eles logo lhe roubavam a bola” (Diário de campo – observação 12/05/10). Pode-se observar que o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e concebidos da mesma forma pelos gêneros (LOURO, 1997). Vez por outra, o mesmo espaço e tempo são ocupados e compartilhados por ambos os sexos: *“Os meninos estão na quadra de futebol e assistem à “copa recreio” [torneio entre as turmas da escola], Letícia também está lá”* (Observação dia 03/09/09).

Na interação, entre meninos e meninas, foi possível perceber que se trata de uma relação que busca igualar-se com a relação intragêneros, mas que possui suas particularidades, uma vez que os estereótipos de cada gênero se interagem. Meninos e meninas passam o recreio juntos com seus grupos, mas separados entre gêneros. Vez por outra algum menino chegava perto do grupo das meninas, conversavam com uma menina e depois saíam. *“José sempre ficava perto de Joana, mas brincava com certa violência com ela, puxando e torcendo seu braço. Parecia que ele sentia interesse por ela, mas para despistar, tinha esses tipos de atitude, ao invés se acariciá-la, agindo com ela, assim como age com seus amigos”* (Grupo de Encontro – 18/03/09).

“Enquanto aguardavam a professora, um grupo de meninos conversava sobre a partida de futebol de ontem. A maioria das meninas estava na porta, uma brincava de “bater o bumbum” na outra; um menino chegou e fez a mesma brincadeira com ela; ela bateu nele e saiu correndo atrás dele, dando-lhe tapas. Ele se defendia somente” (Diário de campo – observação 29/04/10). Dessa forma, ao recorrerem à agressão, as meninas recusam a forma frágil de serem femininas e buscam igualarem-se aos meninos. Essa agressão, por vezes, pode ser também verbal, como mostra o fragmento do diário de campo (03/09/2009), em que “Josefina e um menino começam a conversar de longe, praticamente, só movem a boca. Isso acontece em forma de brincadeira disfarçada de briga. É possível ouvir falarem baixinho: Josefina: - Você vai ver o que faço com você depois!; Menino: - Cala a boca!”. Isso ocorre geralmente porque os meninos realizam certas “brincadeiras” com as quais as meninas se incomodam. Além disso, essas atitudes parecem mascarar, conforme já foi abordado, os interesses em “ficar” de qualquer uma das partes.

Dentre as relações intergêneros, destacam-se as afetivo-amorosas, que, de acordo com Müller (2004), distinguem-se em “ficar”, “rolo” e o namoro. O “ficar” é uma relação sem compromisso, com curta duração, e que é definida pela atração física, mas também regulada por regras. Quando um casal “fica” por várias vezes, durante um tempo mais prolongado, essa relação se transforma em “rolo”, que ainda não se exige compromisso ou fidelidade tal como ocorre no namoro. Geralmente, essas relações são mantidas em segredo entre amigos. O namoro, por sua vez é uma relação fixa, com compromisso e há uma revelação pública dessa relação, principalmente à família.

“Namoro não é só beijar, como quando a gente fica, mas compartilhar a amizade, mas não pode namorar porque o pai ainda não deixa” (Marcos, 12 anos, Grupo de Encontro – 03/04/09). Essa proibição do pai quanto ao namoro para um filho homem foi questionada pelos outros meninos. Eles disseram que essa proibição se dá mais comumente de pai para filha, mas, para o filho, os pais costumam incentivar o namoro. Segundo as meninas, os pais desaprovam inclusive que elas conversem com meninos.

Quanto aos assuntos partilhados, meninas conversam entre si sobre diversos assuntos, porém controlam sobre o quê e como vão falar com os meninos, já os meninos conversam mais sobre esportes e meninas e buscam tratar com as meninas somente assuntos mais triviais do dia-a-dia. “O assunto é diferente, com meninas o assunto é de meninos, de maquiagem essas coisas assim de meninas mesmo e com os meninos o assunto é mais geral. (...) você não conta coisas que você conta para as meninas para os meninos. Coisa de mulher né! Você fala com as meninas coisas tipo (...) sei lá (...) de meninos você fala com as meninas. Agora de meninos você não pode falar, quando está com amigos você não pode falar de amigos tem que regular as palavras que você vai falar” (Maria, 13 anos, entrevista – abril de 2009).

De acordo com Müller (2004), existem “conversas de homem” e “conversas de mulher”, bem como conversas compartilhadas entre ambos os gêneros. Dentre as “conversas de mulher” destacam-se assuntos sobre namoro, meninos, atores de TV, aparência, como roupas e maquiagem, e sobre o corpo, como menstruação e cólicas. A conversa entre as meninas é mais íntima do que entre elas e os meninos, pois podem compartilhar entre assuntos que não compartilham com os meninos. Nas conversas entre meninos, destacam-se assuntos sobre esporte, meninas, “zoações” um com o

outro, comentários sobre festas, a namorada do amigo, etc.

As meninas aproximaram-se mais das pesquisadoras e comunicaram-se com maior facilidade do que os meninos. Elas nos tocam e contam sobre suas vidas, enquanto os meninos trocaram apenas algumas palavras básicas de contato ou olhares, mas fazem mais isso na presença de outras meninas. Esses comportamentos parecem revelar as diferenças sexuais de gêneros.

Considerações finais

Percebe-se que a semelhança e a proximidade são aspectos importantes entre amigos, seja de idade, gênero, nível sócio-econômico-cultural, local de domicílio ou atividades, a fim de que haja identificação positiva para o desenvolvimento de vínculos. Outro fator importante na formação da amizade é o tempo de convivência, quanto mais tempo se conhecem, mais facilmente ocorre a aproximação. Trata-se de uma relação de intimidade e confiança, que se constitui com o tempo, através da convivência e do compartilhamento de momentos importantes da vida. Por isso, a escola tem papel fundamental na formação de relações de amizade, pois é nela que os adolescentes permanecem mais tempo uns com os outros.

Pode-se perceber que a probabilidade de encontrar os amigos e conviver com eles, torna a escola atrativa aos alunos observados, o que, por um lado, facilita a assiduidade escolar e a tolerância de aulas enfadonhas e sem sentido. Por outro lado, a interação com os colegas, durante o transcorrer das aulas, quando em excesso, pode diminuir a consolidação da aprendizagem, na medida em que a maior parte da energia do adolescente está voltada para a relação com os pares.

Amigos desempenham um importante papel na vida do adolescente, seja como fonte de apoio social e emocional ou para a manutenção da saúde física e mental. O apoio social fornecido pelos amigos funciona no equilíbrio do conflito entre gerações, visto que a intimidade, anteriormente fornecida pela família, passa a ser cada vez mais complementada pelos pares e amigos. Nesse sentido, as redes de amizade podem ser vistas como importantes colaboradores para o processo de reprodução ou transformação cultural em que normas e valores do meio social em que vivem os adolescentes podem ser aceitos ou contestados.

As relações de amizade na adolescência nascem como um “falar a mesma língua” e parece ser uma forma de descontração, lealdade, confidências de segredos e ajuda mútua. Desse modo, a amizade é um relacionamento livre das exigências postas pela família ao indivíduo, o que não significa que na constituição das amizades não exista a participação da cultura, de restrições e possibilidades ligadas ao grupo de pertença dos sujeitos.

Pode-se perceber que as amizades entre meninas baseiam-se nas trocas afetivas mais íntimas, próximas e envolvem maior satisfação; já as amizades masculinas são pautadas na realização de atividades em conjunto, são mais instrumentais, valorizando o tempo investido nessa relação.

Meninos se agrupam em grupos maiores e abertos, enquanto as meninas se agrupam em duas ou

três; meninos tendem a frequentar mais espaços públicos e com menos supervisão de adultos; o contato físico entre meninos é mais agressivo, porém com espírito de brincadeira; a amizade de meninos está orientada para atividades, enquanto a amizade das meninas envolve contatos físicos mais afetivos, sendo mais concordantes em valores e características pessoais.

Embora existam diferenças baseadas nos estereótipos de gênero, as configurações de amizade nos grupos de meninos ou meninas não são afixadas, é possível ver grupos grandes de meninas conversando e pequenos grupos de meninos. Tanto meninas como meninos buscam “chamar” a atenção de outros para si de formas semelhantes, seja usando a roupa da moda, seja com gritos ou “piadinhas”. Também é possível ver raros toques físicos mais carinhosos entre os meninos, como colocar o braço por sobre o ombro do amigo enquanto caminham e conversam, além dos toques agressivos, mais comuns, como tapas e empurrões. Essas ações podem indicar uma contestação ao modo de ser e agir de cada gênero imposto pela sociedade, construindo novas formas de relação.

A relação intergênero deve ser observada com cuidado, pois elas podem ser uma relação de amizade ou de interesse amoroso/sexual (“paquera”). O que se percebe é que a relação entre meninos e meninas é permeada por um toque de ludicidade e agressividade, na medida em que as meninas agredem fisicamente ou verbalmente os meninos, usando a expressão “cala a boca”, no mesmo momento em que riem da situação.

Percebe-se, portanto, que as relações entre pares são valorizadas por diversos autores como referências fundamentais no processo de formação identitária dos adolescentes e devem ser pensadas no contexto cultural e histórico. Além disso, as relações de amizade possibilitam a compreensão de como os adolescentes experienciam as imposições dos adultos e a educação que recebem dos pais, professores, bem como as possíveis ressignificações das vivências e do modo de ser feminino ou masculino.

Referências

- AFONSO, L. *A polêmica sobre adolescência e sexualidade*. Belo Horizonte, MG: Campo Social, 2001. 247 p.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes: reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 28, v.100 – Especial, p. 1105-1128, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2009.
- FERREIRA, M. M. M. *A gente gosta é de brincar com os outros meninos!*: relações entre crianças num jardim de infância. Porto, Portugal: Afrontamento. 2004. 437 p.
- FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, n.14, v. 3, p. 89-101, set./dez, 2003.
- GOMES, L.G.N; JUNIOR, N.D.S. Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, n. 23, v. 2, p. 149-158, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n2/a05v23n2.pdf>> Acesso em 8 de out. 2009.
- LEPRE, R.M. Adolescência e construção da identidade. São Paulo. *Programa de pós-graduação em educação* – UNESP, 2008. Disponível em <http://psicopedagogia.com.br>. Acesso em 30 de out. de 2008.
- LOURO, G. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 179p.
- MÜLLER, E. *As patricinhas no mundo do Shopping Center: um discurso e algumas práticas juvenis bem-comportadas*. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, 2004. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1781/1/tese.pdf>> Acesso em: 10 set. de 2009.
- NEVES, P. R. da C. *As meninas de agora estão piores que os meninos: gênero, conflito e violência na escola*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05112009-155238/pt-br.php>> Acesso em: 10 de set. de 2009.
- OLIOSI, J. T. et al. *A amizade entre os adolescentes: a vida escolar e a formação do sujeito*. Anais XV Enaprapso, Maceió-AL, 2010. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/176.%20a%20amizade%20dos%20adolescentes.pdf> Acesso em 5 de jan. de 2011.

- PEREIRA, A. de. C. *Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da Educação Infantil: um estudo sobre as relações de gênero*. 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/Forum/Arlete_de_Costa_Pereira_forum .pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/Forum/Arlete_de_Costa_Pereira_forum.pdf)> Acesso em 13 de Nov. de 2009.
- PEREIRA, F N.; GARCIA, A. Amizade e escolha profissional: influência ou cooperação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, n. 8, v. 1, pp. 71-86, 2007. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v8n1/v8n1a07.pdf>> Acesso em: 13 de Nov. de 2009.
- SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. *Revista Pensar a prática*, n. 5, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/43/2689>> Acesso em: 20 de jan. de 2010.
- SOUZA, L.K. de; HUTZ. C. S. Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *PSICO*, Porto Alegre, n. 38, v. 2, p. 125-132, maio/ago, 2007. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1464/1986>> Acesso em: 21 de ago. de 2009.
- TRAVESSO-YÉPES, M. A.; PINHEIRO, V. de S. Socialização de Gênero e Adolescência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 13, v. 1, p. 147-162, 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a10v13n1.pdf>> Acesso em: 12 de jul. de 2009.
- VELHO, G. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A. M. de et al. *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. p. 79-87.
- VIANA, M. G. *Psicologia da amizade*. Editorial Domingos Barreira: Porto, 1947. 387p.

Friendship and Gender Relationship among Elementary Students

Abstract: This paper reports on findings from a research undertaken to describe friendship and gender relationships among 12-13 public elementary school students in the city of São João del-Rei, State of Minas Gerais. There is an assumption that friendships and gender relationships are of fundamental importance for adolescents to develop an identity. In this paper, we also focus on the idea that students spend a lot of time together at school. With this in mind, it was possible to make observations taking into account the context in which it occurred and organise workshops and semi-structured interviews. In addition, our study revealed that being part of a group of friends provides students security and confidence so that they can manifest and affirm their identities still in formation. For school to be an interesting and funny place, boys and girls bring into their relationships genre stereotypes. Thus, it is possible to (des)construct them socially.

Keywords: Adolescence – Friendship – Genre Relationships – School Context